

O laboratório Casa Río e seu arquivo de vozes del Plata

The Casa Río Laboratory and its la Plata Voices Archive

Paola Fabres
(PPGCA-UFF)

Resumo: Este artigo analisa a articulação entre arte e território a partir da obra Living Rivers, apresentada na exposição The Earth Will Not Abide (Chicago, 2017). O estudo evidencia como práticas artísticas situadas podem atuar na visibilização de conflitos socioambientais nas bacias do Mississipi e do Prata, territórios impactados pelo agronegócio e pela lógica extractivista transnacional. Argumenta-se que Living Rivers, ao mobilizar cartografias colaborativas e narrativas locais, opera como dispositivo crítico de leitura territorial. O artigo discute ainda o desdobramento do projeto no Arquivo Casa Río Lab, que consolida um repertório de memória e resistência comunitária.

Palavras-chave: arte e território; cartografia; Casa Río Lab; arquivo comunitário.

Abstract: This article analyzes the relationship between art and territory through the work Living Rivers, presented in the exhibition The Earth Will Not Abide (Gallery 400, Chicago, 2017). The study shows how situated artistic practices can make visible socio-environmental conflicts in the Mississippi and La Plata river basins, territories impacted by agribusiness and transnational extractivist dynamics. It argues that Living Rivers, by mobilizing collaborative cartographies and local narratives, operates as a critical device for territorial interpretation. The article also discusses the project's unfolding in the Casa Río Lab Archive, which consolidates a repertoire of community memory and resistance.

Keywords: art and territory; cartography; Casa Río Lab; community archive

DOI: <http://doi.org/10.47456/rf.rf.2133.50414>



Figura 1. Exposição *The Earth Will not Abide* (La Tierra no Resistirá). Galeria 400, Chicago, Estados Unidos.

20 de abril a 10 de junho de 2017. Participação e curadoria de Brian Holmes, Alejandro Meitin, Ryan Griffis, Sarah Ross, Sarah Lewison, Duskin e Claire Pentecost. Fonte: Página oficial Galeria 400. Disponível em: <https://gallery400.uic.edu/exhibition/the-earth-will-not-abide/>. Acesso em: 1 ago. 2023

Duas bacias fluviais ganharam destaque, representadas em grande escala, logo na entrada da sala expositiva. À esquerda, via-se a imagem da Bacia Hidrográfica do Mississippi, principal via de escoamento da produção agrícola norte-americana. À direita, o que se tinha era um recorte territorial da América do Sul, contemplando a cartografia da Bacia Hidrográfica do Prata – planície de inundação nascida no Pantanal do Mato Grosso que transcorre por boa parte do sudoeste do Brasil, do Paraguai, do Uruguai, do norte da Argentina e também pelo sul da Bolívia. Como seu nome bem nos lembra, a Bacia Platina, ou *del Plata*, traz em seus cursos fluviais não apenas a memória, mas também as marcas concretas de um cenário histórico extrativista, por onde se escoava

toda prata removida em período colonial desde Potosí. Hoje, dando à soja o protagonismo que um dia fora da prata, a região ainda revisita feridas históricas, ao mesmo tempo em que lida com os impactos decorrentes do agronegócio e com a conjuntura de desestabilização política e perda de autonomia e governança local advinda dos efeitos da transnacionalização territorial. Por sua vinculação com a indústria de extração de recursos naturais e por fornecer irrigação e transporte para a maior região de monocultura do globo, a área da bacia tornou-se um ponto crítico em relação à sustentabilidade ecológica e justiça social. Lado a lado, os mapas configuravam os maiores canais de exportação de *commodities* em escala global e assinalavam, juntos, a dimensão das implicações socioambientais consequentes do modo como seus corredores hídricos têm sido utilizados e explorados ao longo do tempo, evidenciando como a geografia tem sido sistematicamente mobilizada como infraestrutura do capital, convertendo rios em corredores logísticos que subordinam ecossistemas a dinâmicas de acumulação (Harvey, 2004; Moore, 2015).

The Earth Will not Abide (La Tierra no Resistirá) era o título da exposição aberta em Chicago, em abril de 2017, e ela fazia referência ao estado de risco de um planeta incapaz de sustentar suas próprias lógicas de extração. Organizada na Galeria 400, espaço ligado à Faculdade de Arquitetura, Design e Artes da Universidade de Illinois, a mostra, que posteriormente itinerou para a cidade de Rosário, na Argentina, surgia da aproximação entre artistas, ambientalistas, produtores rurais e ativistas preocupados em questionar a viabilidade ecológica e social da agricultura industrial e suas formas de uso da terra. Com a participação de Brian Holmes, Alejandro Meitin, Ryan Griffis, Sarah Ross, Sarah Lewison, Duskin e Claire Pentecost, o projeto reunia processos de pesquisa e estudos de campo realizados em diferentes pontos da China e das Américas do Norte e Sul e traçava relações entre paisagens e contextos aparentemente distintos, embora diretamente associados por um mesmo sistema econômico uniforme e globalizado. Ainda que geograficamente distantes, esses ecossistemas específicos, afastados entre si, apareciam como terrenos indistinguíveis, padronizados a partir de um regime de produção de grãos “que dá a aparência de abundância, enquanto esgota a fertilidade da terra” (Kroeber, 2018), expondo aquilo que Jason W. Moore descreve como nova fronteira do capitalismo agrário, que produz zonas de sacrifício ecológico em escala global (Moore, 2016).

No entanto, mais que assinalar um planeta em estado de ameaça, o que o projeto curatorial – de autoria coletiva – ajudou a demonstrar é que era também nesses contextos rurais industrializados (cuja dinâmica e estrutura fora moldada a partir da ordem do capital global) que se formulavam, concomitantemente, estratégias pontuais de resistência e preservação. São iniciativas que emergem tanto de conhecimentos tradicionais quanto de práticas contemporâneas, operando muitas vezes em baixa escala, porém com potência suficiente para



Figura 2. Living Rivers, obra de Alejandro Meitin e Casa Río Lab e Brian Holmes. Exposição The Earth Will not Abide (La Tierra no Resistirá). Galeria 400, Chicago, Estados Unidos. 20 de abril a 10 de junho de 2017. Fonte: Página oficial Galeria 400. Disponível em: <https://gallery400.uic.edu/exhibition/the-earth-will-not-abide/>.

Acesso em: 1 ago. 2023

tensionar a narrativa dominante da produção agrícola intensiva. Nesse sentido, a mostra evidenciava que, mesmo em meio aos fluxos predatórios do agronegócio global, persistem modos de existência que recusam a submissão completa ao regime extrativista. Essas práticas, embora localizadas, produzem fricções críticas, reorientando a relação com a terra e recusando o destino territorial imposto pela lógica da monocultura. Em lugar de colapsar diante da maquinaria econômica e geopolítica, esses territórios ativam respostas próprias, fundadas na reciprocidade, na cooperação e na continuidade de saberes que fazem frente aos processos de espoliação.

Living Rivers, trabalho artístico que fazia menção à extensão das bacias Platina e do Mississippi, era um exemplo. Resultado da soma das pesquisas realizadas pelo artista e filósofo norte-americano Brian Holmes (que há mais tempo vinha levando uma investigação sobre os corredores hídricos e sobre o fluxo de mercado de grãos pela região dos Grandes Lagos, nos Estados Unidos), com os estudos alavancados por Alejandro Meitin (artista e engenheiro ambiental

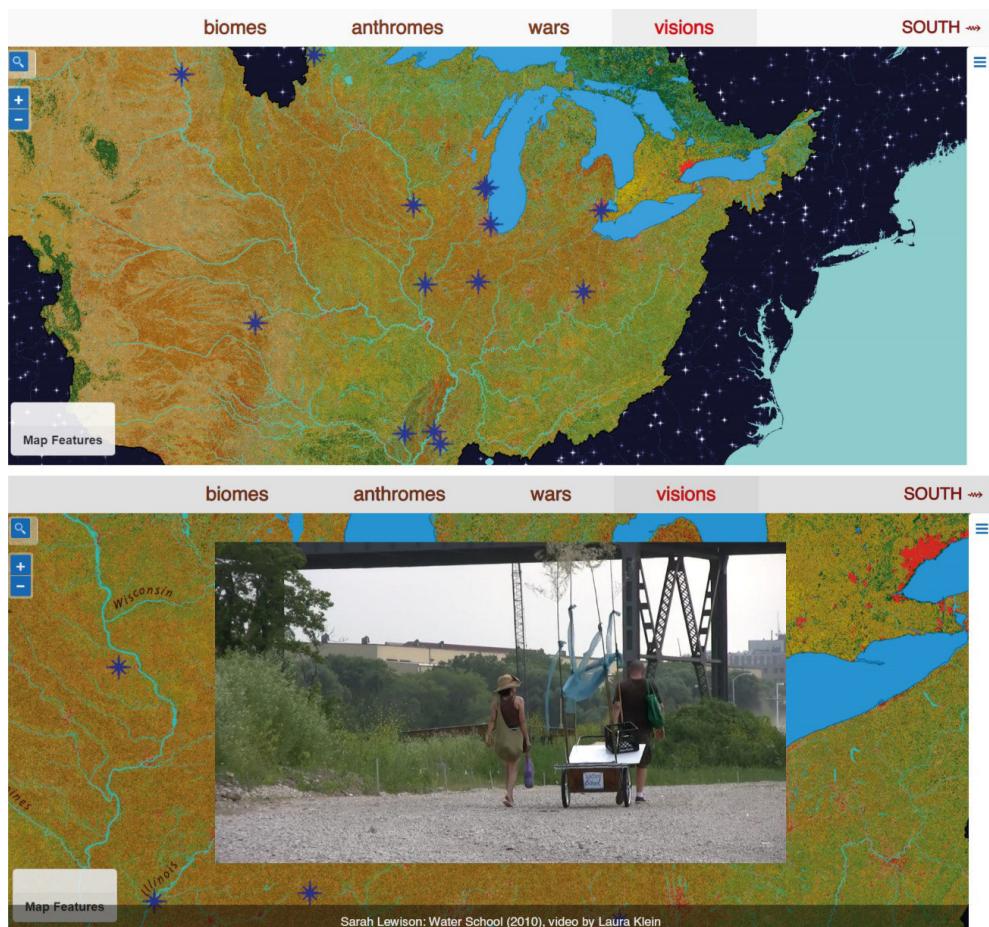


Figura 3. Plataforma de mapeamento cartográfico, parte da obra *Living Rivers*, de Alejandro Meitin e Casa Río Lab e Brian Holmes. Exposição *The Earth Will not Abide* (*La Tierra no Resistirá*). Galeria 400, Chicago, Estados Unidos. 20 de abril a 10 de junho de 2017. Fonte: Página oficial Galeria 400. Disponível em: <https://gallery400.uic.edu/exhibition/the-earth-will-not-abide/>. Acesso em: 1 ago. 2023

que vinha impulsionando estudos cartográficos sobre as regiões das planícies de inundação do rio Paraguai e Paraná), a obra assinalava áreas de ameaças, conflitos, interferências e afetações na ordem natural nas regiões de abundância hídrica apontadas no projeto. Além disso, o trabalho também apontava para uma variedade de práticas sociais colaborativas de proteção cultural e ambiental, por eles mapeadas, que vinham buscando superar formas unidirecionais de perceber o ordenamento territorial, recorrentemente ditado por argumentos econômicos, agendas corporativas e prioridades advindas do capital. Ao operar simultaneamente como cartografia crítica e dispositivo de leitura territorial, *Living Rivers* não se limitava à denúncia, mas produzia um gesto de contra-mapeamento, tornando visível o que as narrativas oficiais tendem a suprimir –

conflitos locais, invisibilização de modos de vida e disputas pelo uso da terra. Assim, a obra reinscrevia o território como campo de disputa simbólica e material, evidenciando que mapas não apenas descrevem o mundo, mas o organizam segundo determinadas agendas de poder.

Para se garantir um mergulho nessas pesquisas e nos aspectos estruturantes da paisagem socioambiental das bacias fluviais trazidas à mostra, um pequeno monitor, que chamava o visitante à interação, separava um mapa do outro, viabilizando acesso a uma plataforma digital que lançava um convite para quem quisesse se aproximar de algumas das histórias e embates registrados nessas regiões. Afinal, por estarem alocadas em áreas globalmente reconhecidas por seus papéis no fornecimento de energia, minerais e nutrientes, as cidades e vilarejos situados junto às áreas de margem desses canais hídricos, tornaram-se áreas de sensibilidade ecológica e geopolítica, “ricas em disputas advindas tanto da violência institucional, como de migrações, deslocamentos forçados e novos assentamentos populacionais” (Holmes; Meitin, 2017). Além de nutrir uma área de intensa biodiversidade, os canais que banham a região registram embates socioambientais que tem impactado moradores da orla e de cidades mais próximas. Ao colocar o público diante desses relatos situados, a plataforma desestabilizava a distância confortável entre observador e território, deslocando a percepção da escala global para a escala vivida. Era uma estratégia que recusava a neutralidade cartográfica e reinscrevia o conhecimento no corpo e na experiência de quem habita os lugares atravessados por dinâmicas de violência ambiental.

Desse modo, navegando pela plataforma posicionada entre as duas imagens cartográficas de *Living Rivers* dispostas sobre a parede junto à entrada da sala expositiva, era possível acessar um arquivo informacional formado por vídeos, entrevistas, depoimentos, relatos e estatísticas geosituadas, permitindo uma imersão nas principais problemáticas dessas localidades e nos diferentes modos de reação e resistência a seus principais impasses – material esse produzido e coletado junto a moradores locais.

Pelo dispositivo, acessava-se dados sobre o ecossistema daqueles recortes geográficos (alertas e estados de emergências, como áreas de extração, queima e desmatamento), além de projetos colaborativos (artísticos e não artísticos, de diferentes proveniências) responsáveis por compilar saberes, memórias, rituais e expressões culturais que têm atuado como diferentes dimensões constituintes de criação e preservação do território (Meitin et al., 2020, p. 28). A plataforma, nesse sentido, operava como um espaço de elaboração coletiva, onde conhecimento territorial era compartilhado não como dado técnico, mas como narrativa situada. Mais do que um repositório informativo, tratava-se de um ambiente de disputa simbólica e política, no qual diferentes perspectivas sobre o território entravam em negociação – evidenciando que todo mapa é resultado de relações de força e toda leitura territorial é, inevitavelmente, um reposicionamento crítico frente

à gestão hegemônica do território. Nesse sentido, o mapa deixa de ser mera representação para atuar como ferramenta de organização territorial e afirmação de perspectiva local.

Ancorado na valorização das perspectivas advindas dos povos locais, esse arquivo tinha como objetivo expandir os horizontes de compreensão sobre a riqueza desses ecossistemas a partir das vozes e impressões de seus próprios habitantes, além de compartilhar (dentro e fora do campo da arte) outros modelos possíveis de produção, existência e coexistência capazes de responder a conflitos territoriais. Acima de tudo, trazer essas práticas sociais e criativas advindas de atores sociais desatrelados ao circuito das artes a um espaço expositivo tornava-se uma forma de entrecreuzá-las com produções artísticas do campo especializado, num gesto de sobreposição e embaralhamento de suas especificidades.

O desenvolvimento da plataforma fora liderado pelo Casa Río Lab, uma organização artística, comunitária e ambiental situada em Punta Lara, na região do estuário Rio da Prata, no litoral argentino. Com um enfoque transdisciplinar, a iniciativa articulou a participação de pesquisadores, artistas, entidades locais, associações comunitárias e moradores das áreas de delta, consolidando um espaço de construção coletiva de conhecimento territorial. Ao integrar diferentes saberes – técnicos, empíricos e comunitários – o laboratório passou a operar como um mediador territorial, articulando práticas de investigação com processos de ação local¹.

O dispositivo permite que distintas pessoas e organizações somem conteúdos à plataforma construindo assim uma percepção cartográfica coletiva. A proposta entende que existem múltiplas formas de identificação sistemática de informação territorial nos distintos processos de organização das comunidades (micro experiências, projetos em funcionamento, produções sustentáveis, fluxos de ideias, criações artísticas, lutas sociais, práticas soberanas, etc.) que podem ser potenciadas a partir da utilização do mapa e, por sua vez, se expandir por processos de integração territorial. [...] Os dados reunidos permitem observar o caráter situado das perspectivas comunitárias frente às formas tradicionais de representação do Estado, do turismo, da ciência e das empresas – convalidando a aposta do projeto que pretende transformar os imaginários dominantes fazendo visíveis as múltiplas atividades que sustentam a rede da vida e fortalecendo olhares socio/ecológicos frente às concepções unilaterais tecno/políticas (Meitin et al., 2020, p. 163)

Alejandro Meitin, fundador do Casa Río Lab, dedicava-se há muitos anos ao mapeamento e à sistematização de um arquivo comunitário de saberes locais sobre a Bacia do Prata, consolidando uma plataforma de registros territoriais

1 O projeto de estruturação da plataforma cartográfica interativa teve seguimento e foi aprimorado posteriormente por Holmes e Meitin, em parceria com o projeto *Humedales sin Fronteras* (organização de preservação e restauração da Bacia do Prata), alcançando novo formato: <https://map.casariolab.art/>. A plataforma é de acesso público e segue sendo alimentada em formato colaborativo até os dias atuais.

fundamentada em práticas coletivas e conhecimento local. Membro do coletivo Ala Plástica – grupo de artistas formado em 1991 na cidade de La Plata, Meitin vinha experimentando formas de entrecruzamento entre o campo artístico e discussões de política pública ligadas ao urbanismo e ao meio-ambiente. Desde então, impulsionava estudos cartográficos e projetos colaborativos pela região, testando propositivas de conexão transversal entre a arte contemporânea e conhecimentos oriundos das comunidades ribeirinhas situadas sobre as zonas úmidas de pantanais. Com a dissolução do grupo Ala Plástica em 2016, vinte e cinco anos após sua formação, surgiu, em 2017, o Casa Río Lab [] um espaço voltado para estudos artísticos e interdisciplinares, onde residências artísticas são desenvolvidas a partir de processos de imersão e investigação territorial. Ancoradas em práticas de pesquisa de campo e uso do espaço público, essas residências adotam a experimentação poética e a vinculação social como pilares metodológicos. Desde então, a iniciativa passou a congregar artistas, pesquisadores e ativistas em torno de projetos colaborativos, destacando-se a participação de Graciela Carnavale, Alicia Vandamme, Marcelo Miranda, Dani Lorenzo, Carlos Javier Diaz de la Sota, Ulises Cura Jáuregui, Viviana Staiani, Eyra Jáuregui, Brian Holmes, além do próprio Alejandro Meitin. Nesse sentido, sua atuação desloca a prática artística do espaço institucional para o campo expandido das urgências territoriais, assumindo a arte como prática situada e relacional.

Em pouco tempo, o laboratório, começou a ser visto como um centro de estudo de referência sobre o ecossistema de alagados no contexto sul-americano, bem como um espaço de mapeamento dos imaginários sociais circunscritos nessas localidades. O Casa Río Lab tornou-se também um local de encontro e de pesquisa para artistas, críticos e investigadores que começaram a transitar com maior frequência pela região litorânea de La Plata e se firmou como articulador e mediador central de uma rede de iniciativas, coletivos e espaços artísticos autônomos no território argentino, voltados ao cruzamento entre pesquisas artísticas e problemáticas territoriais – convertendo-se em um ponto de intersecção de outras trajetórias. Em suma, sua força institucional não deriva de uma estrutura formal, mas da capacidade de ativar redes de colaboração territorial e sustentar processos contínuos de investigação coletiva.

Inaugurado recentemente como Casa Río Lab, o projeto teve sua primeira inserção em uma instituição artística durante a mostra realizada em Chicago, em abril de 2017. Após a realização do projeto curatorial na cidade de Chicago, a mostra migrou para a cidade de Rosário, na Argentina, somando a presença de Graciela Carnavale e do grupo Colectiva Materia. Na cidade de Rosário, foram propostos diálogos entre as práticas exercidas pelo Laboratório Casa Río na região de La Plata e as experimentações históricas do Grupo de Arte de Vanguardia (1966-1968), já que Graciela Carnavale (coordenadora do espaço El Levante, de Rosário, e atual membro da iniciativa Casa Río) fora artista participante do *Ciclo de Arte*

Experimental e do emblemático *Tucumán Arde*, em 1968. Além de responsável pela documentação histórica do Grupo de Arte de Vanguardia, Carnavale segue atuando junto às margens do Rio Paraná com projetos coletivos interessados na recuperação e na contextualização histórica dessa área territorial.

O Laboratório Casa Río sempre evidenciou seu compromisso em mapear os saberes enraizados na experiência local, valorizando a oralidade e a presença ativa dos sujeitos envolvidos nesses processos. Essa abordagem permitiu à iniciativa consolidar um extenso arquivo de práticas comunitárias, sistematizado e acessível, que reúne desde ritos específicos e relatos orais de resistência até tradições agrícolas, habilidades artesanais, estratégias de pesca e expressões culturais diversas. Esse repositório de saberes locais não apenas constrói uma imagem multifacetada do delta e de seus habitantes, mas também sustenta a base conceitual dos trabalhos artísticos desenvolvidos pelo projeto, que, ao migrarem para instituições artísticas, carregam consigo essa multiplicidade cognitiva, ecoando as vozes e as práticas das comunidades ribeirinhas em espaços de circulação institucional. Com isso, o Casa Río Lab transforma o território em lugar de produção de conhecimento e desloca a própria função do arquivo, que deixa de ser mera preservação do passado para atuar como instrumento ativo de elaboração coletiva do presente.

Vale lembrar que ao longo da década de 1990 a região do Prata havia passado a sofrer o impacto das medidas do IIRSA, Projeto de Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana, um instrumento político-econômico neoliberal interessado em facilitar o comércio transnacional e o escoamento de produção responsável por mais de 400 projetos situados em contexto sul-americano voltados a grandes obras de infraestrutura de transporte, energia e telecomunicação, bem como à liberação de acesso a recursos naturais e ao gerenciamento de centros de produção locais que passavam cada vez mais a perder suas autonomias e a receber ingerência de fora. Na região litorânea junto ao delta do Rio da Prata, o projeto liderou a construção de complexos rodoviários e ferroviários que atravessaram áreas de estuário e ainda concretizou projetos de barragem que ocasionaram o deslocamento de mais de 50 mil residentes – cujo impacto era predominantemente direcionado ao bioma da costa e às populações rurais da bacia. Essa reorganização política e espacial, porém, deu corpo à criação de uma infraestrutura de indústria, transporte e energia que “afetou o biossistema, diminuiu a independência das comunidades locais, erodiu as fronteiras geopolíticas e as topografias culturais até então resistentes à lógica da globalização”, ao mesmo tempo em que deslocou a tomada de decisão para “uma rede de bancos de desenvolvimento e agências quase-privadas” (Kester, 2011, p. 140). A transformação dos ecossistemas das zonas úmidas por aterros, queimadas e polderização para dar força ao agronegócio deu margem a um processo conhecido como *pampianização* do delta. Em suma, o IIRSA era um

consórcio de bancos, governos e agências interessado em atuar como um ente de autoridade supranacional (Meitin, 2022), que, ao fim e ao cabo, vinha reforçando o processo de desmantelamento do poder do estado como um organismo territorial. Com isso, sua interferência abriu margem para o desdobramento de um novo imaginário que atropelava com velocidade aqueles já sedimentados e afetava de modo drástico a configuração social e ambiental daquele contexto (Fabres, 2023, p. 111). De acordo com Alejandro Meitin, a imposição desses procedimentos, justificados pela promessa de um bem-estar econômico regional, cuja entrega tornava-se o extrativismo (Meitin et al., 2020, p. 8). Esse contexto de reconfiguração territorial forçada explica a emergência de iniciativas como o Casa Río Lab, que atuam como formas de contra-organização local diante da erosão de autonomia política e ambiental da região.

Como forma de responder criticamente a essas interferências e reverberações socioambientais que vinham abalando a região, o Casa Río tem desenvolvido uma gama de projetos envolvendo engajamento civil e participativo ligados à compreensão das ecologias humanas, vegetais e animais alocados no entorno do Rio Paraná, trazendo a problematização desses impactos e suas procedências sob diferentes perspectivas. Com a estruturação do seu programa de trabalho, a atuação dos grupos de estudos sobre as áreas costeiras do Vale Central da Bacia Platina ganhou força, aumentando o grau de reconhecimento da diversidade de práticas comunitárias que apresentavam reações simbólicas e criativas aos embates incitados pelo avanço da fronteira agrícola, pelas construções de grandes obras de infraestrutura, pela força da mineração ou mesmo pelo crescimento do setor imobiliário, alocadas pelas zonas ribeirinhas do delta e pelas áreas de pantanais e alagados. Esse olhar sistematizado sobre aquele contexto geográfico agregou volume e complexidade ao conjunto de registros e dispositivos documentais responsáveis por relatar esses processos de investigação. Nomeado hoje de Arquivo Casa Río Lab, essa espécie de acervo comunitário de práticas de resistência local – primeiramente apresentado na plataforma digital de Living Rivers, na Galeria 400 em Chicago – formado ao longo de anos e anos de pesquisa, reúne atualmente um material vasto sobre as vivências e estratégias coletivas encontradas pelas zonas úmidas do entorno da Bacia Platina, narrado, em grande medida, pela voz dos moradores que ali habitam.

Por estruturar um estudo de percepção coletiva sobre o território, o arquivo tem se tornado uma referência não apenas no campo da arte, mas também para outras áreas do conhecimento. Sua base metodológica e sua dimensão documental vêm sendo utilizadas por pesquisadores interessados em processos de integração territorial na região, além de servir como fonte para trabalhos acadêmicos desenvolvidos em universidades, especialmente na Universidade de La Plata, tanto nas Ciências Humanas quanto nas Ciências Biológicas. O material reunido também tem sido consultado por advogados, gestores públicos



Figura 4. Exposición *Imaginaciones Posibles para abrigar el Río*, da iniciativa Casa Río Lab, Fice, Enseada, Argentina, 2019. Fonte: Página oficial Casa Río Lab. Disponível em: <https://territorios.casariolab.art/exhibiciones/>. Acesso em: 1 ago. 2023.

e agentes legislativos envolvidos na formulação de políticas voltadas à proteção da biodiversidade cultural e ambiental. Esse trânsito interdisciplinar evidencia que o arquivo extrapola sua função cultural inicial: ele atua como plataforma de conhecimento aplicado e suporte para processos decisórios em disputa territorial. Nesse contexto, o Casa Río tem incorporado a participação de profissionais da arte contemporânea em projetos de urbanismo, ecologia política e políticas públicas, reafirmando a relevância do pensamento artístico na construção de instrumentos de planejamento e ação territorial fundados em perspectivas locais.

O Arquivo Casa Río Lab pode ser acessado tanto na sede do espaço, em Punta Lara, quanto por meio de plataformas digitais de consulta pública, que vêm ampliando continuamente seu volume de dados. Além do acervo principal, o arquivo integra ainda o Arquivo Audiovisual TDC – Territorios de Colaboración, que reúne registros de memória e saberes vinculados às dinâmicas sociais e ecológicas do delta. Soma-se a ele o Arquivo Oral TDC, desenvolvido em parceria

Conversaciones litorales con personas que habitan o trabajan en los corredores bioculturales de la Cuenca del Plata: pobladorxs, artistas, referentes de organizaciones e investigadorxs especializadxs.

La Radio Mutante es un medio de información, articulación entre localidades costeras y espacio para la emergencia de nuevas prácticas simbólicas, ambientales y organizativas.

			
CASA RÍO: RELATOS EXPANDIDOS	ARCHIVOS ABIERTOS DEL SUR GLOBAL	UNDA: UNA INVESTIGACIÓN CON LAS FUERZAS DE LA NATURALEZA	AVES DEL PLATA
EPISODIO 45 2021	EPISODIO 44 2021	EPISODIO 43 2021	EPISODIO 42 2021
Casa Río Lab fue una de las ocho sedes latinoamericanas de la cuarta edición de "Archivos del Común", un encuentro organizado en conjunto...	Casa Río Lab fue una de las ocho sedes latinoamericanas de la cuarta edición de "Archivos del Común", un encuentro organizado en conjunto...	Conversamos con la artista Alicia Vandamme de Damme galería y el arquitecto Carlos Javier (Toto) Díaz de la Sota sobre el proyecto que...	Cuando conversamos por primera vez con Cristian Williams estaba plantando unos arbustos nativos cerca de su casa a la vera del Arro...
			
PARQUES LINEALES INUNDABLES PARA LA PLATA	EL CAMINO DE LA AGROECOLOGÍA	LA COMUNIDAD JAPONESA DETRÁS DEL FESTIVAL BON ODORI	HISTORIAS DEL ABUELO FUEGO Y LA AVISPÁ ALFARERA
EPISODIO 41 2021	EPISODIO 40 2021	EPISODIO 39 2021	EPISODIO 38 2021
En un nuevo episodio de #RadioMutante conversamos con la Secretaría de Planeamiento Urbano de la Municipalidad de La Plata. Ar...	De los 22 mil pequeños productorxs que integran la Unión de Trabajadores de la Tierra (UTT), seis mil viven y trabajan la tierra en el...	Conversamos con la profesora y licenciada en Historia, Irene Isabel Cafiero en un nuevo episodio de #RadioMutante a partir de su...	En este episodio de #RadioMutante, conversamos con Carlos Moreyra en la transmisión en vivo con motivo de la reapertura del Mercado de la...
			
COSECHA INVÉRNAL DE MIMBRE EN EL MONTE	FIRE PARAGUAY: CIENCIA, TÉCNICA Y EMPATÍA PARA	PRODUCTO DIRECTO DEL CORAZÓN DEL MONTE	VECINXS ADVIERTEN POR EL ARRASAMIENTO DE UN

Figura 5. Arquivo Oral Radio Mutante Laboratório Casa Río, Punta Lara, Argentina, 2025. Fonte: Página oficial Casa Río Lab. Disponível em: <https://territorios.casariolab.art/>. Acesso em: 4 out. 2025

com a Rádio Mutante, que vem reunindo um conjunto de relatos produzidos por residentes e trabalhadores das áreas costeiras. Com cerca de cinquenta entrevistas e depoimentos audiovisuais, esse núcleo documental oferece uma perspectiva territorial narrada por seus próprios habitantes.

Esse material inclui relatos de pequenos produtores rurais sobre o impacto ambiental das monoculturas e das queimadas; narrativas de comunidades afetadas pela expansão de obras de infraestrutura; observações de ornitólogos e pesquisadores locais sobre alterações no comportamento das aves; discussões sobre economia artesanal e extrativismo sustentável; além de contribuições de assembleias de bairro que atuam na defesa das margens do rio e de seus corredores bioculturais. Mais do que reunir dados, o arquivo reúne posições, permitindo compreender o território como um campo de conflitos e negociações permanentes.

Esse agrupamento de gravações e entrevistas (mais do que permitir um aprofundamento circunscrito sobre cada ponto que trazem à discussão) responde ao interesse de se configurar, no todo, um arquivo cultural específico das visões, das rotinas e das experiências daqueles que habitam as áreas de alagados, na formação de um arquivo do imaginário local. Todo esse mapeamento de interesses corporativos nacionais e internacionais, de estratégias do poder público local e regional, somado aos saberes autóctones coletados por diferentes localidades da região (remanescentes às condutas tecnocráticas que tem abalado àquelas práticas sociais), tem permitido um reconhecimento sistêmico e polifônico da vida cultural das áreas costeiras – não só do Rio da Prata como também das margens fluviais da Bacia Platina, configurando na sua essência um arquivo comunitário local. Dessa forma, o arquivo opera como um dispositivo de enunciação territorial, reunindo memórias que não apenas registram o vivido, mas projetam formas de continuidade comunitária frente às pressões de deslocamento e apagamento.

Além de ter transitado por exposições no contexto nacional argentino como *La Tierra no Resistirá*, montada no Centro Cultural de España em Rosário, ou *Imaginaciones Posibles para abrigar el Río*, em Fice, Enseada, o arquivo também fez parte da programação de *Archivos del Común: Archivos por/venir*, projeto organizado em 2021 pelo Museu Reina Sofia em parceria com a *Red Conceptualismos del Sur*, programa responsável pelo mapeamento de proposições artísticas envolvidas na organização de arquivos comunitários geopoliticamente situados e mobilizados por dinâmicas de articulação social. Atualmente, começa a ser incorporado ao acervo documental do Moma, projeto à cargo de Jens Andermann, editor do *Journal of Latin American Cultural Studies*, autor de *Tierras em trance: arte y naturaleza después del paisaje* (2018), e pesquisador ligado ao Instituto Cisneros e ao centro de investigação de Arte Latino-Americana do Museu de Arte Moderna, em Nova York. Esse percurso institucional demonstra que, ainda que enraizado localmente, o arquivo possui força conceitual capaz de tensionar os debates internacionais sobre arte,

território e memória.

O Arquivo Casa Río Lab não se limita a preservar registros do território, mas opera como dispositivo de enunciação coletiva, no qual memória e experiência são mobilizadas como formas de permanência e organização social. A partir de relatos situados e práticas comunitárias, o arquivo torna visíveis modos de vida e de uso da terra sistematicamente invisibilizados pela lógica do agronegócio e pelas políticas de integração territorial. Em vez de representar o território, ele participa de sua elaboração contínua, afirmindo agência local frente a processos de desterritorialização.

A análise da obra *Living Rivers* e do desenvolvimento do Arquivo Casa Río Lab sugere que práticas artísticas situadas podem operar como dispositivos de leitura territorial e produção de conhecimento enraizado. Ao articular cartografia colaborativa, memória local e investigação crítica, a iniciativa desloca o papel da arte para além do domínio dos espaços formais, aproximando-a de processos de produção territorial e de elaboração coletiva do espaço, ancorada na convergência entre práticas advindas do campo da arte com saberes de ordem local.

Ao constituir um arquivo comunitário que registra e mobiliza formas de vida e biomas ameaçados, o Casa Río Lab não apenas documenta o território, mas participa de sua continuidade histórica. O arquivo, nesse sentido, não se reduz a dispositivo de preservação, mas atua como ferramenta de reorganização territorial e afirmação de autonomia. Mais do que um acervo, ele constitui um campo de disputa epistemológica, em que a memória se reafirma como prática de futuro.

Referências

CASARÍOLAB. Casa Río. Página oficial do Casa Río Lab. 2022. Disponível em: <https://www.casariolab.art/>. Acesso em: 24 ago. 2022.

FABRES, Paola. **A Troca no Tempo Estendido:** Modos de Aproximação da Prática Artística em Território. Tese de doutorado em Artes Visuais. Universidade de São Paulo, ECA-USP, 2023.

HARVEY, David. **O novo imperialismo.** São Paulo: Loyola, 2004.

HOLMES, Brian; MEITIN, Alejandro. **Living Rivers.** Página oficial do projeto Living Rivers, 2017. Disponível em: <http://ecotopia.today/livingrivers/map.html>. Acesso em: 24 ago. 2022.

KESTER, Grant. **Conversations Pieces:** Community and communication in modern art. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2013.

KROEBER, Gavin. **The Earth Will not Abide**: Art in America, 2018. Disponível em: <https://www.artnews.com/art-in-america/aia-reviews/earth-will-not-abide-62594/> Acesso em 27 de jul. de 2023.

MEITÍN, Alejandro; CARNAVALE, Graciela; HOLMES, Brian; MATERIA, Colectiva. **La Tierra no Resistirá**. Casa Río Lab: La Plata, 2020.

MOORE, Jason W. **Capitalism in the Web of Life**: Ecology and the Accumulation of Capital. London: Verso, 2015.

Paola Fabres

Curadora e doutora em História, Teoria e Crítica da Arte (ECA-USP, 2023), atuando nas intersecções entre arte, território e meio ambiente, com foco em metodologias colaborativas e pesquisa situada. É pós-doutoranda pelo PPGCA/UFF e integra o grupo de pesquisa Ynterfluxes Contemporâneos das Artes-Comunidade-Natureza (CNPq). É também pesquisadora da Universidade Federal do ABC (UFABC).

E-mail: paola.fabres@ufabc.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2785518705643463>

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1533-8728>